

## Referência:

PATENTE, Sônia Maria de Araújo. A ação pedagógica da biblioteca da escola Balão Vermelho. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. *Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica*. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 172-174. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

## A AÇÃO PEDAGÓGICA DA BIBLIOTECA DA ESCOLA BALÃO VERMELHO

Sônia Maria de Araújo Patente \*

Apresenta os projetos de leitura da Escola Balão Vermelho, onde a biblioteca tem uma participação relevante. Aborda também a formação do bibliotecário escolar.

### 1. INTRODUÇÃO

Quando cheguei ao Balão Vermelho, recém formada, depois de nove meses no Centro de Extensão da Escola de Biblioteconomia, no Carro Biblioteca, como bolsista da Pró Reitoria de Graduação de UFMG, não tinha experiência em biblioteca escolar, apenas uma paixão muito grande por livros, o que me levou a fazer Biblioteconomia.

Ao iniciar meu trabalho (há quatro anos e meio), me deparei com uma rotina escolar que jamais havia visto e para o qual o academismo da universidade não me havia preparado. Eram crianças de pré-escola indo buscar livros na biblioteca, rodas de debate literário nas salas de aula, seminários de livros entre classes, resenhas literárias e uma infinidade de crianças que entravam na biblioteca comentando sobre os livros que leram, sugerindo a compra de mais exemplares de determinado livro, contra indicando outros e dando suas opiniões sobre autores e ilustradores com tamanha desenvoltura que me impressionava.

Fascinada com tudo isso, fui lendo tudo, principalmente porque é dever do bibliotecário escolar conhecer todo o acervo. Aprendi com eles a comentar sobre os livros que tinha lido, e trocamos muitas experiências. Hoje percebo com clareza que quando isso acontece, estou me posicionando enquanto leitora, explicitando minhas críticas e sugestões, enfim, estou me revelando; como modelo enquanto leitora e, desse modo, atuando ativamente na formação escolar daqueles pequenos leitores.

A esta altura vocês devem estar pensando: “Que maravilha, parece mágica” ! Eu posso garantir a vocês que essa realidade institucional nada tem a ver com mágica ou coisa parecida, ela é fruto de muito esforço, estudo, pesquisa e de uma proposta de formação de leitores que a coordenação de língua portuguesa da Escola Balão Vermelho vem desenvolvendo há cerca de vinte anos. Durante todo esse tempo, dois projetos se mantiveram permanentes e são os principais responsáveis pela realidade atual. São eles: O Projeto Biblioteca de Classe e o Projeto Leitura do Professor.

### 2. PROJETOS DE LEITURA

O Projeto Biblioteca de Classe consiste, como o próprio nome diz, na formação de bibliotecas para as turmas do Maternal II (2 anos) à 4ª. série. Cada aluno compra dois livros diferentes por semestre. Desse modo, se em uma turma tem 25 alunos, serão 50 títulos diferentes por semestre, proporcionando o acesso a uma enorme diversidade de gêneros literários.

A seleção desses títulos é feita a partir de uma leitura crítica pelo bibliotecário e professores, onde observamos a qualidade literária dos livros. Após esta análise, o livro é separado por série, os alunos lêem e confirmam ou não a nossa indicação. A opinião deles é sempre levada em conta.

---

\* Escola Balão Vermelho - Bibliotecária

Quando a biblioteca de classe está montada nas salas de aula, é reservado na rotina diária “um horário nobre” de leitura. Em seguida os livros são comentados oralmente. O professor não faz uso didático desses livros, mas, como leitor, fornece modelo de comentário. Esse tipo de experiência serve como suporte para a produção de resenhas.

O Projeto Leitura do Professor consiste na leitura em voz alta do professor para seus alunos de livros selecionados pela coordenação de língua portuguesa, professor ou bibliotecário. Nesse momento, que também costuma ser diário, o professor lê livros que os alunos já podem apreciar, mas que ainda não se dispõem a ler sozinhos. Por exemplo: livros que demandam leitura fluente, como os clássicos e a obra do Monteiro Lobato ou livros com um grande número de páginas e de leitura densa.

A Giroletras, feira de livros apoiada na crítica infantil, é o projeto de leitura mais recente do Balão Vermelho. Ele existe há três anos e tem como proposta utilizar toda a competência literária das crianças do Balão Vermelho numa feira de livros infantis, apoiada na crítica das mesmas e reverter o dinheiro arrecadado nesta feira, em livros que seriam doados às escolas públicas que se propusessem a trabalhar em intercâmbio com a Escola Balão Vermelho.

Com a renda da primeira feira, realizada em dezembro de 1995, cinco bibliotecas de classe foram montadas, com 40 livros cada, e enviadas a 4 escolas públicas que se tornaram parceiras na elaboração da 2ª. Giroletras, que aconteceu em dezembro de 1996.

Ao longo do ano de 1996, as crianças realizaram encontros e debates, com o objetivo de aprimorar suas competências literárias, crescendo juntos. Além disso ficou combinado que na 2ª. Giroletras as crianças assumiriam o papel de apresentadores dos livros nos stands.

Durante as três edições da Giroletras,(95 a 97) as crianças trabalharam como críticos literários em stands de livros, entrando em contato com um público de faixa etária e cultura da mais variada, possibilitando a prática e o aprimoramento de seus conhecimentos literários.

Além disso, a Giroletras proporciona a criação de um momento ímpar onde pais, filhos, escritores, ilustradores, educadores e público em geral se unem durante horas agradáveis para falarem sobre livros.

Somado a estes três projetos que movem a biblioteca durante todo o ano letivo, fazemos diariamente cerca de cem empréstimos domiciliares (crianças a partir do 2º. período à 4ª. série). Temos observado que quanto mais cedo as crianças criam o hábito de usar adequadamente a biblioteca, ficam mais responsáveis quanto a conservação e devolução dos livros. O empréstimo é por 7 dias, mas no dia seguinte essa criança já está novamente na biblioteca. Temos casos em que a professora, quando esquece de escrever na rotina diária que é dia de ir a biblioteca, toda a turma protesta.

O atendimento ao usuário é exclusivo. O bibliotecário abandona o que estiver fazendo para atendê-lo. Conversamos sobre os livros expostos em estantes baixas, de livre acesso, trocamos idéias sobre o gênero literário de que ele mais gosta, sobre autores e ilustradores.

### **3. CONCLUSÃO**

A aprendizagem se dá através da ação concreta e do diálogo com os suportes que veiculam o saber. Desta forma, a biblioteca é imprescindível, porque ela se torna um grande aliado no desenvolvimento dos projetos pedagógicos, ocupando assim, lugar de destaque na instituição, fornecendo informações e criando perspectivas para a dinamização do saber na escola, de modo que a ação e a interação aconteçam.

Portanto, a aquisição do conhecimento transcende as relações professor/aluno e o âmbito da sala de aula. Cabe a nós enquanto profissionais que lidamos diariamente com objetos repletos de conhecimento, o dever de estabelecermos uma relação de saber com os mesmos, explorando-os, narrando nossas experiências, participando ativamente do processo de produção do conhecimento.

Para uma grande maioria dos bibliotecários, a sua função numa biblioteca é classificar, catalogar, fichar ou planilhar os livros e organizar, organizar, organizar... Entretanto, a sua função eminentemente pedagógica é muitas vezes abandonada, por não dominar teoricamente essa parte ou pelo fato do sistema onde está inserido não criar essa possibilidade.

As Escolas de Biblioteconomia privilegiam o procedimento técnico, como se a classificação, a catalogação, o livro arrumado na estante fosse algo que nos distinguisse dos outros profissionais. É claro que isso nos distingue, mas e as relações humanas, a filosofia e a sociologia da educação, a cultura geral?...

Na formação do bibliotecário deve-se levar em conta que o conhecimento que influência no crescimento e educação dos seres humanos continua sendo transmitido pelos meios clássicos, principalmente pelas escolas e que as bibliotecas podem transformar também o conhecimento escolar em cultura. Assim sendo, o bibliotecário é um transmissor de cultura como o professor, pois podem criar situações por meio das quais uma criança aprende.

Para tanto ele deve ser uma pessoa culta, pois a biblioteca é um órgão aglutinador de textos e saberes e só o bibliotecário é capaz de sistematizar o conhecimento acumulado facilitando o acesso dos professores, alunos, funcionários e comunidade.

O bibliotecário deve ter também em sua formação o estudo das teorias sobre leitura, para que junto com os professores possa organizar projetos de leitura na escola. Que as Escolas de Biblioteconomia se preocupem em ensinar estratégias de leitura aos seus alunos. E nós, profissionais que lidamos com bibliotecas escolares, temos que correr atrás dos bons livros que existem no mercado sobre leitura, para que possamos estar aptos a dinamizá-las no espaço escolar e, conseqüentemente, na comunidade como um todo.

Ao meu ver, o papel do bibliotecário e da biblioteconomia vai muito além das técnicas acadêmicas ensinadas em nosso curso, existe uma ação pedagógica no trabalho do bibliotecário, temos um lugar de relevância muito maior na construção de um processo histórico-cultural de nossa sociedade e cabe a nós ocupá-lo.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AZEVEDO, José Clovis. Introdução. In: PAIXÃO DE LER II. Petrópolis: Vozes, 1995.
2. CALVINO, Ítalo. *O barão das árvores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
3. CORGOZINHO FILHO, Jair Alves. A literatura e nós. *R. Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 3, n. 15, p. 23-29, maio/jun. 1997.
4. FIDALGO, Lúcia. Buscando caminhos. *R. Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 263-267, jul./dez. 1996.
5. SACRISTÁN, José Gimeno. Conhecimento crítico e felicidade. *R. Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 3, n.14, p. 5-11, mar./abr. 1997.
6. SILVA, Ezequiel Teodoro. Ensino e Biblioteca. *R. Releitura*, n. 10, p. 53-56, jun. 1997.
7. RAMOS, Rafael Y. Temas transversais: a escola da ultra modernidade. *R. Pátio*, Porto Alegre, v. 2, n. 5, p. 8-11, maio/jun. 1998.